

anatômico foram submetidos à preparação pelo método de Schultz, corados por safranina aquosa, montados em lâminas histológicas e fotografados. Fragmentos foliares recentes, de formas afins aos macrofitofósseis, foram dissociados pelo método do hipoclorito de sódio (30%), lavados, neutralizados, corados e montados em meio glicerinado (50%). O tipo estomático é o mesmo para as formas fósseis e recentes (braquioparácitico). As paleocutículas e as epidermes recentes foram agrupadas em conjuntos foliares com paredes anticlinais retilíneas (afins a *Ocotea* sp.) e conjuntos foliares com paredes anticlinais sinuosas (afins a *Laurophyllum* sp.). Este estudo permitiu confirmar a determinação taxonômica prévia das formas fósseis (mesma família, porém gêneros diferentes), além de refinar as afinidades entre formas paleo e neobotânicas. — (18 de dezembro de 1997).

\*Auxílio financeiro: FAPESP Proc. n° 95/4858-0.

#### LEWISITA DE TRIPUÍ, OURO PRETO, MINAS

##### GERAIS: NOVOS DADOS

D. ATENCIO<sup>1\*</sup>,

P. A. MATIOLI<sup>2</sup> E

F. M. S. CARVALHO<sup>1</sup>

Credenciado por ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS

<sup>1</sup>Instituto de Geociências, USP.

<sup>2</sup>Instituto de Geociências, UFRGS.

Romeíta,  $\text{Ca}_2\text{Sb}_2^{5+}\text{O}_6(\text{O},\text{OH},\text{F})$ , e lewisita,  $\text{Ca}_5\text{Sb}_6\text{Ti}_2\text{O}_{24}$ ? são tratados ora como espécies diferentes (e.g. Fleischer & Mandarino, 1995, Glossary of Mineral Species), ora como mesma espécie (e.g. Palache *et al.*, 1951, Dana's System of Mineralogy; Tavora, 1955, An. Acad. brasil. Ci. 27: 7-27). Brugger *et al.* (1997, Contrib. Mineral. Petrol. 127: 136-146) estudaram cristais de lewisita, concluindo tratar-se de mistura submicroscópica de romeíta comum mineral estruturalmente relacionado ao pirocloro, que cresce às expensas da romeíta. Estes dados, entretanto, não foram obtidos para o espécime-tipo. No sentido de esclarecer esta situação, cristais da amostra-tipo de lewisita [Natural History Museum, London (B.M. 80141)] foram agora obtidos e estão sendo estudados. De aproximadamente 20 octaedros, existe um tipo predominante cuja composição se aproxima daquela

apresentada na literatura para a lewisita. Dados químicos foram obtidos por EDS (% em peso, média de seis análises, intervalo de variação entre parênteses):  $\text{Sb}_2\text{O}_5$  64,66 (62,23-66,20);  $\text{TiO}_2$  14,47 (13,72-14,93);  $\text{Al}_2\text{O}_3$  1,70 (1,11-2,66);  $\text{Fe}_2\text{O}_3$  4,43 (4,09-4,83);  $\text{Na}_2\text{O}$  0,90 (0,44-1,94);  $\text{CaO}$  12,80 (11,96-13,24);  $\text{MnO}$  1,64 (1,50-1,86);  $\text{SO}_3$  0,65 (0,22-1,17); total 101,25. Um segundo tipo de octaedro (apenas 2 dentre todos os cristais), morfologicamente indistinguível do primeiro tipo, apresenta composição diferente, sendo rico em Na e não apresentando Ti (média de 15 análises):  $\text{Sb}_2\text{O}_5$  74,02 (68,31-77,75);  $\text{TiO}_2$  0,00 (0,00-0,00);  $\text{Al}_2\text{O}_3$  0,89 (0,06-2,64);  $\text{Fe}_2\text{O}_3$  2,66 (0,20-7,63);  $\text{Na}_2\text{O}$  5,95 (1,15-9,06);  $\text{CaO}$  13,63 (13,18-14,11);  $\text{MnO}$  0,33 (0,00-1,04);  $\text{SO}_3$  0,00 (0,00-0,00); total 97,48. Os padrões utilizados foram: Sb, titanita, Al, Fe, NaCl, calcita, Mn e calcocita. — (18 de dezembro de 1997).

\*E-mail: datencio@usp.br. / Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq.

Apoio financeiro: FAPESP.

#### UTILIZAÇÃO DE ROCHAS DO SUBGRUPO ITARARÉ (P-C) NA INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA NO MUNICÍPIO DE INDAIATUBA, SP

RAQUEL VALÉRIO DE SOUSA FLORÊNCIO\* E

JOSÉ ROBERTO CANUTO

Credenciado por ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS

Instituto de Geociências, USP.

No Estado de São Paulo, as rochas argilosas do Subgrupo Itararé, da Formação Tatuí e Formação Corumbataí, na faixa de afloramentos da margem leste da Bacia do Paraná, são utilizadas, como matéria prima, por indústrias que atuam no campo da Cerâmica Vermelha. Essa atividade é de grande importância econômica, uma grande fonte de divisas e gera empregos e impostos, envolvendo cidades da região, como Rio Claro, Valinhos, Itu, Ipeúna, Campinas, Cordeirópolis, Santa Gertrudes, Moji Guaçu, Corumbataí, Limeira, Indaiatuba e outras. O pólo cerâmico Itu-Campinas, onde se insere o Município de Indaiatuba, é o maior produtor, e forma um verdadeiro cinturão cerâmico. Este pólo é composto por 130 unidades industriais de maior porte, com um consumo de argila superior a 170.000 m<sup>3</sup>/mês.